

**ANAIS DO II COLÓQUIO DO LAHES:
MICRO HISTÓRIA E OS CAMINHOS DA
HISTÓRIA SOCIAL**

Comissão Organizadora:

Prof^a Dr^a Carla Maria Carvalho de Almeida (UFJF)

Prof^o Dr Cássio Fernandes (UFJF)

Prof^a Dr^a Mônica Ribeiro de Oliveira (UFJF)

Prof^a Dr^a Sônia Maria de Souza (UFJF)

Promoção:

Laboratório de História Econômica e Social

Programa de Pós-graduação em História da UFJF

Apoio:

Pró-Reitoria de Pesquisa

Instituto de Ciências Humanas

FAPEMIG

CAPES

Editoração:

Bianca Portes de Castro

Ficha Catalográfica:

II Colóquio do Laboratório de História Econômica e Social (2008: Juiz de Fora, MG). Micro História e os caminhos da História Social: Anais / II Colóquio do LAHES; Carla Maria Carvalho de Almeida, Mônica Ribeiro de Oliveira, Sônia Maria de Souza, Cássio Fernandes, organizadores. Juiz de Fora: Clio Edições, 2008, <http://www.lahes.ufjf.br>.

ISBN: 978-85-88532-29-8

1. História 2. História Econômica e Social. I. Carla Maria Carvalho de Almeida. II. Mônica Ribeiro de Oliveira. III. Sônia Maria de Souza. IV. Cássio Fernandes.

A HISTÓRIA MICROSCÓPICA DE GILBERTO FREYRE E A MICRO HISTÓRIA

Cibele Barbosa da S. Andrade*

Breve histórico da *Microstorie*

Entre os anos de 1981 e 1988, uma série de publicações coordenadas pelos historiadores Giovanni Levi e Carlo Ginzburg, com o título *Microstorie*, tornou-se um *tour de force* em defesa da renovação metodológica contrapondo-se às abordagens estruturalistas que até então dominavam o cenário historiográfico no campo das mentalidades. Antes mesmo da publicação desta coleção pela editora Einaudi, o grupo de “microhistoriadores”, se assim podemos considerar, reunia suas reflexões em torno da revista *Quaderni Storici* no início dos anos 70. O que se observa entre os textos do início dos anos 70 de Carlo Ginzburg, Carlo Poni e Giovanni Levi e os do início dos anos 80, é a consolidação da MicroHistória como uma corrente historiográfica, provida não só de questionamentos mas de um esboço metodológico. O artigo publicado na revista *Le Débat* em 1980, intitulado “La Microhistoire”, pode ser considerado um dos marcos propagadores do *tournant critique* italiano em cenário francês.

Sob esse contexto, a MicroHistória italiana é apropriada em diferentes aspectos, de acordo com o país de recepção. No caso da França, em particular, foi elevada ao status de modelo alternativo às correntes estruturalistas-funcionalistas, que observavam estatisticamente os grupos sociais, massas e classes, descartando as particularidades e construindo regras gerais. Sobretudo no campo das mentalidades, a análise serial de dimensões macro, visava obter através de um vasto numerário, resultados que legitimassem as explicações acerca de comportamentos e atitudes. A análise historiográfica partia de tipologias sociais, extratos que reunissem características em comum.

Esse modelo epistemológico, calcado na despersonalização do objeto de estudo histórico é um debate que, na França, remonta ao início do século XX com a crítica à história diplomática, factual e positivista, em prol de uma história econômico e social, fato que coroou a fundação da Revista dos Annales em 1929. Nos anos que sucederam a divulgação da revista,

* Doutoranda em História. Univ. Paris IV Sorbonne. Pesquisadora da Fundação Joaquim Nabuco/MEC. E-mail: cibele.barbosa@fundaj.gov.br

a história heróico-biográfica perdia espaço sucessivo na agenda da pesquisa histórica e cedia terreno para as análises quantitativas e séries estatísticas, sobretudo no período de hegemonia braudeliana(entre os anos 40 e 60) onde se destacavam os estudos baseados em paradigmas compartilhados pelas ciências econômicas e sociais.

A História das mentalidades, nos anos 70, introduzia novas considerações acerca do objetos de estudo, aproximando-se de algumas técnicas da análise semântica e linguística além de alguns modelos da antropologia. O fato porém é que, apesar de acarretar a abertura a uma história das crenças, hábitos e comportamentos, metodologicamente a história das mentalidades não rompia com o aparato utilizado pela historiografia econômica e social: recorria às ferramentas estatísticas da sociologia e da economia. Em outras palavras, para novos objetos, velhas técnicas. Os estudos da cultura popular se esmeravam em números, séries e recortes socioprofissionais. Quanto maior o número dados mais legitimada tornava-se a pesquisa.

Na contramão desse linha, a micro-história apresentava como proposta a análise exaustiva de documentações que revelassem casos particulares, situações-limite, trajetórias biográficas, que poderiam esclarecer aspectos deixados de lado pelas análises seriais. Em outras palavras, constituiria-se em uma arqueologia do cotidiano, um refinamento e depuração do objeto de estudo analisado em casos-limite. Para apreender os comportamentos de outrora que não se revelaram através de fichas cadastrais ou levantamentos estatísticos de documentos, era necessário apoiar-se em observações etnográficas, atenta aos aspectos simbólicos presentes em escritos e imagens, atenta à literatura, aos pequenos traços que compõem a narrativa dos fatos ordinários. Nesse caso, a Micro história era acusada de fomentar uma predileção às histórias particulares, às biograias, ao invés da história, na época, rotulada de história social.

Em 1989, no número especial dos Annales consagrado ao chamado “ tournant critique” da história e das ciências sociais, Giovanni Levi(1989) escrevia um texto sobre os usos da biografia, a partir do qual ele expunha os diferentes tratamentos aplicados à esse gênero de escrita pelos historiadores. Dentre os usos da biografia, havia biografia nodal ou prosopografia, muito utilizada por historiadores da então corrente da história das mentalidades. Nesse caso a biografia serviria apenas como ilustração dos comportamentos ou aparências condicionadas pelas condições sociais estatisticamente mais frequentes. Ou seja, a biografia era um elemento acessório, que apenas confirmava conclusões *a priori* estabelecidas.

Uma outra forma de utilização da biografia, citada por Levi é a dos casos-limite. Nessa situação, a biografia não é utilizada pelo historiador como forma de esclarecer ou exemplificar um contexto. “Neste caso, o contexto não é percebido na sua integridade e em sua exaustividade estatística, mas através de suas margens.”(LEVI, 1989,p.1331). A experiência individual é tomada naquilo que ela apresenta de mais atípico, de irregular. A retomada da biografia como instrumento de análise do fato histórico, emerge uma questão cara aos historiadores, sobretudo aos ligados à Microhistória; o problema da relação grupo e indivíduo. Levi defende que, por mais que as atitudes individuais sejam produto de uma série de pressões e influências institucionais, culturais e sociais, há um espaço de liberdade de escolha dentre os indivíduos. Escolha que permite que estes indivíduos tomem atitudes e escolhas incongruentes com a ordem social do grupo e por isso mesmo seja um impulsionador da mudança social. São esses casos de ruptura, ou casos-limites, um dos interesses da Microhistória.

Nesse aspecto o estudo do cotidiano atrai a atenção do microhistoriadores posto que é lugar privilegiado do “vivido”, onde se desdobram correspondências e rupturas com a ordem social vigente, onde os personagens, na maior parte das vezes, protagonizam uma história não episódica, não exemplar, mas anônima. A diferença portanto entre uma abordagem macro e micro do cotidiano não se revela apenas em um recorte dimensional, mas reside no tratamento dispensado ao objeto de estudo. No caso da abordagem micro, ela reverte os indivíduos de números em protagonistas. Esses “protagonistas anônimos” como o moleiro Menochio, estudado por Carlo Ginzburg (2006) que não se somam ao numerário estatístico, passam a revelar aspectos descontínuos da história, “extratos obscuros” como afirma Ginzburg(2006,p.19), que não são perceptíveis numa lógica generalizante.

A história escrita por Gilberto Freyre

Na introdução de Casa Grande & Senzala, Gilberto Freyre, ainda no início dos anos 30 defendia o estudo da história íntima, não como uma pesquisa acessória da “história oficial” ou uma história que atendesse ao gosto pelo pitoresco, uma prática comum nas “histórias privadas” do século XIX. Ao contrário, a escrita freyreana buscava na microesfera do social extrair conclusões acerca do povo brasileiro, da história nacional. Segundo suas observações, “no estudo da história íntima despreza-se tudo o que a história política e militar nos oferece

de empolgante por uma quase rotina de vida: mas dentro dessa rotina é que melhor se sente o caráter de um povo.”(FREYRE,2000,p.56).

Na época em que Freyre escrevera essas palavras, a historiografia brasileira encontrava-se imersa nas narrativas político-diplomáticas que constituíam o aparato dos institutos históricos. Desse modo, esses trabalhos concentravam-se nos feitos militares e políticos, o que no dizer de Lucien Febvre(1977), ao se referir ao caso francês, constituíam a história *historizante* ou *événementielle*. A sucessão de eventos extraordinários era o lugar-comum da historiografia do período. O fato de Freyre situar-se na fronteira das especializações, posto que seus estudos nos Estados Unidos forneceram-lhe uma formação interdisciplinar¹, seu trabalho não seguia a rígida metodologia dos centros especializados, o que o liberava para experiências de estudos menos comprometidos com as premissas institucionais. Sob esse perspectiva, o autor de *Casa Grande & Senzala* se lança na aventura de escrever um sociologia histórica ou uma história social do Brasil. Esse atributo de uma escrita histórica situada nas “margens” permitiu-lhe tecer considerações críticas à história oficial e propor novas vias de observação histórica.

A dimensão do vivido, que abordamos em parágrafos anteriores, adquire na narrativa freyreana um caráter autobiográfico. Como ele mesmo afirma, a história íntima é quase proustiana; estudar a vida doméstica dos antepassados é como buscar “ um tempo perdido”. Esse impulso, a princípio de ordem pessoal, em buscar o passado íntimo como forma de atender às solicitações nostálgicas, findaram por revelar na obra do autor uma preferência pela prospecção de fontes históricas até então tidas como ilegítimas para o trabalho histórico: diários, livros de modinhas e receitas de bolo, livros de etiqueta, romances, observações etnográficas sobre o folclore, depoimentos orais, anúncios de jornais, os quais foram largamente utilizados por Freyre nos seus livros, sobretudo na trilogia *Casa Grande & Senzala*, *Sobrados & Mucambos* e *Ordem & Progresso*.

Os arquivos inquisitoriais também tornaram-se uma fonte das mais utilizadas pelo autor para compor seu épico da vida privada brasileira.Como ele mesmo afirma:

As confissões e denúncias reunidas pela visitação do Santo Ofício às partes do Brasil constituem material precioso para o estudo da vida sexual e de família no Brasil do século XVI e XVII. Indicam-nos a idade das moças casarem(...)o jogo de gam o, a pompa dramática das procissões(...). Deixam-nos surpreender, entre as heresias dos cristãos-novos e das santidades, entre os bruxedos e as festas gaiatas dentro das igrejas, com gente alegre sentada pelos altares, entoando trovas e tocando viola, irregularidades na vida doméstica e moral cristã de família.(FREYRE,2000,p.57)

¹ Freyre fez seus estudos de mestrado (Master of Arts) na Universidade de Columbia, cujo currículo incluía aulas de sociologia, antropologia, história, dentre outras.

Essas irregularidades na vida doméstica, adquirem dois sentidos no texto freyreano. Primeiro o autor se refere às irregularidades de hábitos dos indivíduos face à disciplina moral-cristã estabelecida na época. Segundo é o fato de Freyre ao evidenciar, através da documentação, essas irregularidades, buscar demonstrar que a vida doméstica não seguia uma homogeneidade ou uma constância de comportamentos e modos como assim eram pensadas pelos historiadores. Esses indivíduos, evidenciados pela documentação, quebravam com o padrão de comportamento da época e por isso eram casos-limite.

As narrativas macrohistóricas, por sua vez, descartavam o teia complexa das relações familiares e das diferentes respostas dadas aos indivíduos às imposições da ordem estabelecida ocorridas em escalas mais diminutas da sociedade, como o cotidiano da casa por exemplo. Esse tipo de estudo, centrado nos arquivos inquisitoriais, como fonte de revelação dos pormenores da vida privada em tempos coloniais, atualmente muito em voga na linha da história cultural ou da antropologia histórica, era levada aos leitores brasileiros do início dos anos 30 através das páginas de *Casa Grande & Senzala*.

Uma outra motivação para que Freyre se concentrasse em abordar fontes alternativas de pesquisa bem como buscasse o cotidiano e a esfera íntima como elementos-chave de sua metodologia de trabalho, se deve, dentre outros fatores, à própria natureza da escolha de seu objeto de estudo. Uma de suas teses centrais era a de destacar o índio e sobretudo o africano não apenas como partícipes da matriz histórica brasileira mas, como agentes civilizatórios. Se não era possível demonstrar o negro como agente civilizador a partir de uma história *événementielle*, circunscrita à documentação oficial, já que estava reservada aos fatos e feitos de personalidades senhoriais, brancas na maior parte, e portuguesas, havia, no entanto, a perspectiva da cultura. Por meio da microescala de análise, focada no universo dos engenhos de açúcar, não era necessário, geograficamente, estudar todos os recantos da sociedade colonial brasileira, mas bastava a compreensão de um determinado caso, para que dele se extraíssem elementos relevantes para exemplificar as bases da formação nacional.

A História microscópica

Em 1957, Freyre publica um artigo na revista francesa *Diogenes*. Com o título *L'histoire microscopique: exemple d'un carrefour d'influences*, o autor comenta que, desde 1940, data da publicação do livro *Um Engenheiro Francês no Brasil*, ele tenta oferecer uma

nova orientação aos estudos das relações franco-brasileiras. Afirmar que até então, os estudos sobre esse tema estavam habituados a citar fatos grandiosos ou pitorescamente dramáticos. Sem desmerecer esses eventos, sua proposta consistia em privilegiar a ação de padeiros, técnicos, alfaiates, artesãos e demais entes anônimos, os quais exerceram forte influência nos hábitos e costumes brasileiros em finais do século XIX e que:

Sem se colocarem em evidência nem aparecerem nos jornais(a não ser em sessões discretas e pagas(...) ou em anúncios de falecimento ou casamento), contribuíram fortemente para alterar a vida, o meio, a paisagem regional, local, e até mesmo nacional, pela inovações e atividades aparentemente sem importância.(FREYRE, 1957)

A proposta de concentrar seu estudo sobre a influência francesa no Brasil no papel desempenhado por microagentes do cotidiano, consolidou-se como uma marca metodológica dos trabalhos de Freyre. Essa característica se aplica ao estudo biográfico que fizera sobre o engenheiro francês Louis Vauthier, que esteve em meados do século XIX em Pernambuco e foi o responsável por uma série de modificações urbanísticas na cidade do Recife. Ao invés de compor notas biográficas centradas na vida pessoal de Vauthier, Freyre preferiu tomá-lo como um estudo de caso, um ponto de partida para a compreensão da história social do final do século XIX. No entanto, não podemos considerar a biografia de Vauthier como um caso-limite, à maneira dos historiadores italianos da Microhistória. O fato é que Freyre não se limitou à compor uma biografia tradicional de Vauthier, preferindo atentar para as microbiografias de personagens anônimos que viveram na época.

O fato de estabelecer a história “microscópica” como “uma encruzilhada de influências”, revela a noção que o autor carrega quanto ao modo de analisar as fontes; a história microscópica é tida por Freyre como um modo de abordagem que permite a fusão de diferentes domínios do conhecimento. Quando as lentes do historiador se aproximam do cotidiano, o esforço em aplicar conhecimentos derivados da antropologia, da literatura e demais disciplinas se torna mais evidente na medida em que o historiador é obrigado a apoiar-se em fontes não convencionais, dada a escassez de documentação. Sobre os problemas com as fontes, na introdução de Casa Grande & Senzala, Freyre afirmava que conhecer o “intimidade do passado” :

(...) não é fácil em países como o Brasil; aqui o confessionalismo absorveu os segredos pessoais e de família, estancando nos homens, e principalmente nas mulheres, essa vontade de se revelarem aos outros o que nos países protestantes provê o estudioso da história íntima de tantos diários, confidências, cartas memórias, autobiografias, romances biográficos.(FREYRE,2000,p.5)

O termo “ história microscópica” no artigo de 1953, é o desfecho de uma prática que ele exercia desde seus primeiros escritos. Essa orientação se aproxima do que na época, era chamado de microsociologia. O fundador dessa corrente, Georges Gurvitch, era amigo de Freyre e ambos apresentavam algumas finalidades intelectuais. Sociólogo influente no meio intelectual francês , Gurvitch escrevia, desde 1936, artigos contendo as orientações gerais dessa disciplina. Na concepção de Gurvitch, os fenômenos sociais são pluridimensionais e cada grupo ou comunidade particular pode ser entendida como um fenômeno total. Para diferenciar os grupos do fenômeno social total, é preciso “descer”, na expressão de Gurvitch, ao “ nível microsociológico”, que seriam as formas de sociabilidade sobre as quais se apoiam as relações entre os membros do grupo, bem como as relações entre cada membro do grupo adota em sua globalidade.

Gurvitch tentava conciliar a dimensão do social com a esfera individual. Porém, sua tentativa de imbricar diferentes escalas de análise e recuperar o ponto de vista do indivíduo na análise sociológica não encontrou muitos seguidores no âmbito desta disciplina.

Freyre, por sua vez, não buscou construir uma teoria microsociológica ou microhistórica. Sua atração pelas microescala de análise do passado era uma característica mais empírica, assentada na maneira diferenciada de como ele escolhia suas fontes e extraía suas conclusões. Essa prática culminou por torná-lo um dos pioneiros do que atualmente chamaríamos de história cultural ou socio-cultural. No entanto, essa característica não fê-lo tornar-se um formador de um movimento historiográfico em torno dessas questões. Sem dúvida, a aproximação com Gurvitch nos anos 50 inspirou-o a tecer algumas reflexões sobre a uma “proto” micro história, no entanto, essa afinidade não se evidenciou nas correspondências entre ambos nem nos seus respectivos trabalhos, haja vista não encontrarmos nenhuma citação de Freyre a Gurvitch nesse aspecto e vice-versa.

Conclusão

Apesar da contribuição gerada pela obra de Freyre aos estudos da história cultural brasileira, não podemos rotulá-la como necessariamente de precursora da Micro história. A proposta freyreana, a um modo mais empírico, de fato, buscou o afastamento de uma história positivista em proveito de uma narrativa mais atenta aos aspectos cotidianos, privados, antecipando-se no uso de fontes alternativas à documentação costumeiramente diplomática e

oficial. No entanto, não se aprofundou em reflexões de ordem epistemológicas sobre o tema. O que procuramos discutir nesse texto são os pontos de tangência que demonstram que a questão das escalas de análise na observação histórica e a valorização de uma história anônima, cotidiana, desde os anos trinta, permeou as preocupações do sociólogo brasileiro Gilberto Freyre. Preocupações que só se tornariam generalizadas, enquanto prática de pesquisa, nos anos 70 e sobretudo nos anos 80 com a difusão da Micro História italiana e a História cultural francesa.

Bibliografia

FEBVRE, L. **Combates pela História**. Lisboa: Presença. 1977.

FREYRE, Gilberto. **Casa Grande & Senzala**. 41ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2000.

FREYRE, Gilberto. **L'Histoire microscopique**: un exemple de carrefour d'influences. Traduzido por Jean-Louis Marfaing. In Diogène, Paris, 1957. 28 p.

GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes**. O cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição. São Paulo: Cia das Letras. 2006.

LEVI, G. Les usages de la biographie. In **Annales ESC**, nov-dec 1989, pp. 1325-1336.

REVEL, J. Histoire et Sciences Sociales: un tournant critique? In **Annales ESC**, março-abril, nº 2, 1988, pp.291-293.